

PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS A SERVIÇO DA INTENCIONALIDADE NA CARTA PESSOAL DO DEPENDENTE QUÍMICO EM TRATAMENTO INVOLUNTÁRIO

Andréa Cristina de PAULA¹

Mestre em Letras/UFU

Docente do Instituto Federal do Triângulo Mineiro/IFTM

RESUMO

Este estudo tem por objetivo realizar análises do processo de construção da intencionalidade em duas cartas pessoais, elaboradas por dependentes químicos, internados involuntariamente, observando suas marcas argumentativas, para tentar responder nossa hipótese: a de que, ao intensificar os recursos argumentativos, o emissor pretende reforçar a intencionalidade. E, dissimulada na intenção de mostrar o sofrimento intolerável que lhe é imposto nesse processo ou na construção discursiva de dados que remetem à aceitação do interno ao tratamento, culminando na construção de imagem positiva de si mesmo, ele acentua a intenção de ser libertado. Para tanto, adotaremos como aporte teórico a Linguística Textual, destacando, dentre outros aspectos teóricos, além do conceito de “gênero” e, mais especificamente, o conceito do “gênero carta pessoal”, os critérios de textualização e recursos argumentativos, como instrumentos de análise nos textos, ou seja: os procedimentos argumentativos a serviço da intencionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dependente químico. Recursos argumentativos. Gênero carta pessoal.

Introdução

Segundo dados do Escritório das Nações Unidas contra as Drogas (UNODC), o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking americano, com cerca de 840 mil usuários de entorpecentes, perdendo apenas para os Estados Unidos, que lidera com seis milhões de consumidores². Esse número só tem aumentado nos últimos anos e, paralelamente a essa estatística, tem crescido a procura por centros de tratamento e de reabilitação para dependentes químicos, e as formas de ingresso a centros de tratamento podem-se dar de forma voluntária ou involuntária. Esta última forma é recomendada quando o consumidor nega qualquer tipo de ajuda pessoal no tratamento da dependência, sendo-

¹ Endereço eletrônico: paulacristinaandrea@gmail.com

² Dado disponível em: <http://prevencaoousoindevidodedrogas.wordpress.com/estatistica-atual-de-usuarios-de-drogas-no-brasil/>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

lhe imposta sua reclusão em clínicas especializadas de recuperação, contra o seu consentimento, mas com a autorização da família ou da Justiça.

Normalmente, a decisão de internar um dependente químico contra a sua vontade nasce das tentativas mal sucedidas de familiares e amigos de convencê-lo dos malefícios físicos, mentais e sociais ocasionados pela utilização de entorpecentes, sendo esse tipo de tratamento encarado pela família, não raras vezes, como a única forma de conscientizá-lo dos danos consequentes do uso de drogas.

Entretanto, embora seja considerada boa a intenção dos familiares em adotar tal atitude no tratamento da dependência, o usuário, pelo menos a princípio, não aceita bem a situação de clausura, demonstrando incompreensão e revolta diante da internação à qual é submetido. Como só a família ou um representante legal do Poder Judiciário pode decidir interromper o tratamento e tirá-lo desse ambiente, esse paciente, muitas vezes, apresenta uma falsa mudança de comportamento, visando demonstrar ao responsável pela decisão do internamento que está reabilitado e pronto para ser inserido novamente na sociedade.

Como os internos, geralmente, só recebem visita dos familiares uma vez ao mês e só têm direito a uma ligação a cada quinze dias, a carta pessoal se apresenta como um instrumento eficaz de comunicação entre o dependente e seus amigos e familiares. Assim, para transmitir a mensagem de que a reabilitação de fato ocorreu, ou está em andamento, ele se vale desse gênero de texto escrito – muito utilizado nos centros de reabilitação – como instrumento de interação entre os dependentes químicos e seus parentes e/ou responsáveis. É esse gênero de texto – produzido nessas condições específicas – que se constitui no corpus de nossa pesquisa.

Este trabalho parte-se da hipótese de que o recurso a estratégias argumentativas na carta do dependente internado involuntariamente visa reforçar a intencionalidade do texto, ou seja, a de libertar-se do tratamento.

Carta pessoal: um gênero quase em extinção?

A motivação que nos leva a investigar a carta pessoal do dependente químico tem a ver com uma ausência de trabalhos, no Brasil, que tomem esse gênero textual como objeto de estudo e na perspectiva a que se filia esta pesquisa.

Além disso, conforme salienta Silva (2002, p.16-17):

Embora muitos venham sugerindo que a carta pessoal é um gênero que parece estar em franca extinção ou declínio na cultura ocidental, em face do advento de várias formas de comunicação mediadas pela tecnologia eletrônica como, por exemplo, o telefone, o correio eletrônico, chats, etc. (cf. YATES, 1999, entre outros), não se pode negar que a carta pessoal como os demais gêneros epistolares encontram-se ainda em uso na nossa cultura, cuja difusão dá-se tanto na sua forma postada, como ainda naquela que remonta à sua origem, a entregue em mão por terceiros, expediente previsto pelas cartas pessoais. (SILVA, 2002, p. 16-17)

Nesse sentido, as cartas pessoais devem ser compreendidas como práticas comunicativas que dividem espaço, em um mesmo contexto sócio-histórico, com interações sociais mediadas por uma avançada tecnologia de comunicação, mas que, nem por isso, devem ser vistas como um gênero prestes a sumir, pois, assim como os livros virtuais não ocuparam o lugar dos convencionalmente impressos, sempre haverá lugar para a carta pessoal. Esse gênero ocorre especialmente no contexto em que os dependentes químicos se encontram, pois ficam isolados, durante todo o tratamento, encontrando nas cartas pessoais uma maneira eficaz de interação social, prática em que, segundo Bazerman (1999, *apud* SILVA, 2002, p. 18), “há ainda muito para ser investigado [...] e dela, sincrônica ou diacronicamente, de forma sistemática, somente se conhecem algumas facetas”.

Em relação ao estudo desse gênero, esta pesquisa revela, primeiramente: que o estudo do gênero carta pessoal está longe de ser esgotado, conforme assegura Bazerman (2006, p. 84), quando observa que “enquanto as histórias de vários domínios de práticas letradas têm sido, cada uma, objeto de pesquisas, apenas umas poucas foram submetidas a uma análise formal de gênero, e poucas foram examinadas em relação à carta”; segundo: desmitifica a ideia de que a carta pessoal tem caído em desuso, caminhando em direção à extinção, com os avanços tecnológicos modernos, conforme postula Silva (2002, p. 17):

São bilhões de pessoas (alfabetizadas ou não) no nosso planeta que ainda não têm acesso ao mundo das práticas comunicativas efetivadas pela tecnologia eletrônica, inclusive as mediadas por telefone. Quanto a isso, deve-se levar em conta que não chega a 10 % da população mundial de 6 bilhões de habitantes o contingente de pessoas que têm real acesso aos meios de uma tecnologia avançada (cf. Union Postal

Universal). O certo é que muitas pessoas continuam utilizando uma tecnologia secular a fim de viabilizar interações a distância, via os serviços dos correios. Aliás, é importante registrar que, atualmente, a grande demanda de cartas pessoais, postadas por pessoas de baixa renda, levou os Correios do Brasil a implantar um novo serviço chamado carta social, cujo custo, por postagem, não chega a R\$ 0,05. (SILVA, 2002, p. 17)

A autora conclui que, no momento, o que lhe parece mais sensato é “não perder de vista com relação aos gêneros epistolares e, inclusive às cartas pessoais, que as coisas ainda não mudaram radicalmente tal como se anuncia” (SILVA, 2002, p. 17).

Perspectiva teórica

Segundo Beaugrande & Dressler (*apud* KOCH, 2012, p. 19), “a produção e a recepção de textos funcionam como ações discursivas relevantes para algum plano ou meta” o que evidencia a relevância da escolha adequada dos recursos a serem utilizados no momento de produção de um texto (oral ou escrito). A seleção dos recursos linguísticos deve considerar que estes atuarão como componentes textuais importantes para que se realize plenamente a “meta” inicial estabelecida no ato de comunicação verbal.

É nos gêneros que realizamos a interação pela linguagem, já que, conforme Bazerman (2006, p. 31), os gêneros são “parte do modo como os seres humanos dão vida às atividades sociais”, isto é, seguindo padrões comunicativos que nos auxiliam na produção de propostas semânticas. Tais propostas devem ser entendidas aqui como algo que compete ao emissor, na interação e, devido ao interesse de ser compreendido, ele orienta seu interlocutor a re-construir os efeitos de sentido desejados no processo de comunicação. A primeira “pista” que o emissor fornece ao destinatário é a configuração que dá a seu texto, por meio da escolha de um gênero. A esse respeito, citamos Bazerman:

Os gêneros nos ajudam a navegar dentro dos complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas coisas sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis ao escritor e ao leitor, os motivos, as ideias, a ideologia e o conteúdo esperado do documento e o lugar onde isso tudo pode caber em nossa vida (BAZERMAN, 2006, p. 84, *apud* BAZERMAN, 1997;

FREEDMAN e MEDWAY, 1994; BERKENKOTTER e HUCKIN, 1995).

Nesse sentido, a noção de gênero utilizada na proposta desta pesquisa não o concebe como algo estanque e fechado, mas como assegura este mesmo autor:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. (BAZERMAN, 2006, p. 23)

É nessa perspectiva teórica que propomos analisar as estratégias argumentativas na carta pessoal, gênero por meio do qual – conforme observamos anteriormente – os dependentes químicos em tratamento involuntário de reabilitação interagem com seus amigos e familiares. Dessa forma, adotaremos como ponto de partida a ideia de *que interagir com o outro é agir socialmente por meio dos gêneros*.

Na definição de Watthier e Costa-Hübes (2009), a carta pessoal e/ou familiar é descrita como um gênero primário, constituído “por enunciados, concretos e únicos, os quais tornam possível a comunicação verbal, substituindo o contato face a face” – o que acentua a sua relevância para que tal comunicação de fato aconteça. E as pesquisadoras complementam:

De uma forma geral, compreendemos o gênero carta familiar e/ou pessoal como um modelo de enunciado que circula socialmente, caracterizado por conteúdos temáticos referentes a acontecimentos da vida cotidiana, um estilo totalmente pessoal e informal e uma construção composicional que passa, rapidamente, de um assunto a outro, sem muita preocupação com a forma da escrita, como se fossem vários retalhos de assuntos informados ao destinatário. Entretanto, dependendo das intenções discursivas do usuário, da relação entre remetente e destinatário, bem como do conhecimento de mundo de cada um, acrescentam-se novas características a estes enunciados, sem desconsiderar aquelas já existentes e próprias do gênero, visto que toda ação de linguagem sempre será constituída por um processo de inserção individual no social. (WATTHIER; COSTA-HÜBES, 2009, p. 10)

O comentário nos leva a concluir que, dependendo da intenção comunicativa do emissor e da relação existente entre este e o receptor, a carta pessoal pode transcender as características básicas do gênero e atuar como um importante instrumento de interação social. Concordamos com o fato de que a interação se realiza pela linguagem, e de que, segundo Koch (2005), a linguagem é essencialmente argumentativa, ou seja, todo ato de fala tem um componente perlocucionário, compreendido como “aquele destinado a exercer efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc” (cf. KOCH, 2000, p. 20). Partindo desse dado teórico básico, consideramos ainda que o dependente químico, ao elaborar a carta pessoal, constrói argumentos que visam agir sobre o interlocutor, a fim de atingir objetivos específicos.

Levamos também em conta o fato de que a escolha do gênero já define possibilidades argumentativas dos dados que constroem o contexto. Por essa razão, um documento oficial que descrevesse a situação de um dependente químico em tratamento involuntário não poderia representá-la com dados (fatos) tais como os utilizados pelos emissores das cartas a serem analisadas, considerando que este é um gênero que propicia a emoção.

Assim, se, em nosso cotidiano, estamos sempre buscando convencer o outro de nosso ponto de vista, na carta pessoal produzida pelo dependente químico em tratamento involuntário – visto que esses usuários foram colocados em uma situação de desconforto, sendo internados contra a vontade em um centro terapêutico – este aspecto perlocucionário tende a se manifestar de maneira mais acentuada, na situacionalidade criada pelos dados – tanto os reais, quanto os criados discursivamente pelo emissor: sobre o que vivencia na clínica, sua certeza de estar reabilitado, o desejo de liberdade etc.

A situacionalidade, na definição de Beaugrande e Dressler (1981, *apud* COSTA VAL, 2004), constitui um dos critérios de textualização e os autores explicam os demais: coesão e coerência (que focam, respectivamente, o aspecto formal e o aspecto semântico de um texto) e os critérios pragmáticos, isto é, que focam o aspecto sociocomunicativo: além da *situacionalidade* (critério que analisa a pertinência do texto, dentro de um contexto), a *intencionalidade* (fator que observa a capacidade do locutor de elaborar um texto que atinja seu objetivo, numa dada situação comunicativa); a *aceitabilidade* (critério que verifica a predisposição do interlocutor para caminhar em

direção às intenções do locutor, em relação à produção do sentido); a *informatividade* (critério que se volta para o nível de informações – conhecidas e novas – por parte do receptor do texto) e a *intertextualidade* (critério que atua quando o entendimento de um texto depende do conhecimento de mundo do leitor). Os cinco últimos critérios de textualização ressaltam a relevância da pragmática na produção/interpretação de um texto, apontando para o dinamismo da “textualização”, quando, na situação de comunicação, locutor e interlocutor interagem na construção do sentido, a partir de seu conhecimento da língua “em uso”.

Aos componentes textuais, responsáveis por marcar linguisticamente o objetivo da produção textual, Koch (2012, *apud* BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981) atribui o nome de “intencionalidade e aceitabilidade” que, de acordo com a autora, funcionam como uma espécie de “jogo”, posto que:

A intencionalidade diz respeito ao propósito dos produtores de textos de fazer com que o conjunto de ocorrências verbais possa constituir um instrumento textual coesivo e coerente, capaz de realizar suas intenções, isto é, atingir uma meta especificada em um plano e a aceitabilidade, por sua vez, refere-se à atitude cooperativa dos interlocutores, ao concordarem em ‘jogar o jogo’, de acordo com as regras e encaram, em princípio, a contribuição do parceiro como coerente e adequada à realização dos objetivos visados. (KOCH, 2012, p. 20)

O critério de textualização que será mais explorado nesta pesquisa é o da **intencionalidade**, sobre o qual Koch complementa:

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). (KOCH, 2006, p. 29)

Entre os elementos que constroem a argumentação, seguindo a proposta de Koch (2000), selecionaremos os seguintes itens para servirem de instrumentos em nossas análises: **seleção lexical, operadores argumentativos, marcadores atitudinais, pressuposição.**

Nesse sentido, na elaboração textual de que o emissor se utiliza, o primeiro dos recursos argumentativos por nós selecionado é o da **seleção lexical**, que é assim definida por Pauliukonis (2008):

Parte-se do princípio de que é pela escolha vocabular que o enunciador busca expressar seu ponto de vista em relação ao mundo que o cerca, emitindo juízos de valor. Assim, na cadeia referencial do texto, o objeto vai sendo construído pela seleção lexical, pelas retomadas, por sinonímias e hiperonímias, e por caracterizações de cunho subjetivo, que expressam uma avaliação positiva ou não do objeto construído discursivamente e durante a interação, com a convivência do sujeito interpretante. (PAULIUKONIS, 2008³)

Dependendo das escolhas lexicais que o produtor do texto utiliza para atingir sua meta, podem ocorrer interpretações distintas, conforme exemplo citado por Koch (2006, p. 27), comparando os dois enunciados seguintes. Para o primeiro: “A criança chutou a bola na vidraça”, o ouvinte não atribuirá nenhum significado negativo; mas, ao enunciado: “O moleque chutou a bola na vidraça” pode ser atribuída uma ideia negativa, já que a palavra *moleque* pode ser interpretada como trombadinha, irresponsável ou delinquente. Essa distinção nos leva também considerar que a escolha de determinada unidade lexical pode também vir carregado de juízo de valor.

Destaca-se, pois, a importância das escolhas lexicais como forma de argumentação, uma vez que nenhum enunciado é neutro: haverá sempre pistas para que o leitor/ouvinte possa identificar a intenção comunicativa do escritor/falante. Selecionar a forma – o que implica geralmente em também selecionar conteúdos (o significado positivo ou negativo que a lexia carrega) – significa, portanto, na maioria das vezes, argumentar, ou seja, ao optar por determinada palavra, variante linguística, como também pelo gênero textual etc., o produtor estará materializando linguisticamente a sua intenção e, junto a esta, também a sua ideologia.

Unindo os recursos lexicais de maneira a reforçar a argumentação, o emissor vale-se de **marcadores atitudinais** e **operadores argumentativos**, recorrendo a elementos conhecidos na gramática tradicional como advérbios e conectores, mas cujo valor semântico adquire novas nuances, numa análise contextualizada. Ressaltamos que, na Linguística Textual, a utilização desses elementos gramaticais incluem-se entre os

³ Pauliukonis (2008). *A seleção lexical e a estrutura do texto*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/08.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2014.

recursos de “coesão por conexão”, propostos por Antunes (2005), que serão selecionados sob a perspectiva de Koch (2012), conforme a terminologia citada (marcadores atitudinais e operadores argumentativos). Não exploraremos aqui esses dados teóricos, pelos limites impostos a este artigo. Pela mesma razão, apenas citaremos – sobre a **pressuposição** – que é um recurso argumentativo do discurso, em que há o recurso a inferências “obrigatórias”, porque marcadas linguisticamente no texto.

Análise 1

Apresentamos, a seguir, trechos de uma carta pessoal, elaborada por um dependente químico, em tratamento involuntário, endereçada à sua mãe. O texto, que visava a transmitir informações sobre o consumo de crack no Brasil – e respectivos desdobramentos dessa prática – foi disponibilizado pelo sítio R7 da TV Record, em 2010, em divulgação de um programa jornalístico dessa emissora. A iniciativa do programa e o texto desse emissor são assim esclarecidos pelo trecho citado a seguir, que anuncia a carta – o verdadeiro objeto de nossa análise:

O Repórter Record desta segunda-feira (19) fala sobre o crack, droga que segundo autoridades policiais e de saúde atinge cerca de um milhão de famílias brasileiras. Um dos personagens do programa, R⁴, foi internado à força com autorização da Justiça. Depois de um tempo em tratamento, o internado sofre a cada semana e pede desculpas à mãe por todos os transtornos. Em um destes momentos escreveu uma carta de desculpas a ela. Aqui no R7 você lê a carta na íntegra⁵:

Entre os recursos para tornar sua carta persuasiva o remetente lança mão de muitos apelos emocionais, construídos a partir de estratégias argumentativas de ordem linguística, a fim de levar sua mãe a se convencer de que o filho foi *vítima* da droga e que, por isso mesmo, não pode ser julgado por suas ações realizadas sob o efeito do vício ou em consequência dele.

Transcrevemos o trecho inicial dessa carta:

⁴ Embora a reportagem apresente o nome completo do autor da carta, optamos por preservar o anonimato do produtor do texto, revelando apenas a letra inicial de seu primeiro nome.

⁵ Texto disponível no sítio R7 da rede de televisão Record <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/dependente-quimico-escreve-carta-de-pedido-de-desculpas-a-mae-20100419.html>. Acesso em: 15/08/2014.

(1) Querida mãe, desejo que esta carta chegue até você de uma forma que te traga paz e esperança. Antes de qualquer coisa quero te pedir uma coisa, "perdão", perdão por frustrar seus sonhos, por não ter sido filho que você sempre sonhou e o que mais me machuca é não ter correspondido à altura ao seu amor incondicional. No passado sonhamos juntos com uma vida diferente para nós, queríamos uma vida repleta de alegrias, vitórias e a abundância dos melhores sentimentos que existem na fase da terra, mas a minha vida tomou um rumo no qual perdi o controle de tudo, me tornei uma pessoa sem sentimentos, mãe na verdade não era eu e nem sei como cheguei a esse ponto, principalmente depois de todo o amor com que me criou e educou.

Por esse extrato (1) do texto, notamos que o emissor, na introdução, se utiliza do vocativo “querida mãe”, já deixando em evidência, por meio do adjetivo “querida”, bem como dos vocábulos “paz” e “esperança” um tom que se pretende agradável e otimista que será fundamental para “desarmar” o receptor da mensagem e eliminar uma possível má impressão deixada por ele antes de ser internado à força pela Justiça. Os vocábulos destacados denotam uma avaliação positiva do autor do texto em relação à mãe (que “o internou”), funcionando como indícios da postura do falante e constituindo-se, assim, em recursos lexicais que acentuam a força argumentativa do texto, uma vez que, como já nos adiantou Pauliukonis (2008), “é pela escolha vocabular que o enunciador busca expressar seu ponto de vista em relação ao mundo que o cerca”.

Na realidade, a seleção vocabular não atua pura e simplesmente pelo emprego da palavra (ou expressão) selecionada: cada unidade lexical dá acesso a esquemas cognitivos denominados frames ou scripts. O frame é assim definido por Travaglia (1990, p.76) “é um feixe estruturado e formalizado de informação semântica inter-relacionada”. Dessa forma, um vocábulo dá acesso a todas as informações relacionadas a seu significado, expandindo-o, na medida em que o leitor acessa o frame ativado por esse vocábulo. É o que observamos, por meio dos campos lexicais construídos pelo autor da carta os quais podem ser verificados, por exemplo, no fato de o dependente deixar em relevo a ideia de que em sua vida, antes das drogas, havia “sonhos”, “alegrias” e “vitórias”, unidades lexicais que se relacionam bem com a carga semântica das palavras “paz e esperança” – marcas linguísticas que atribuem significado favorável no que se refere à suposta mudança de comportamento do emissor.

Em seguida, o emissor reforça esse clima positivo, por meio do pedido de “perdão”, seduzindo o destinatário a crer em seu arrependimento, apelando para as qualidades maternas às quais ele pode mesmo nunca ter dado valor.

Ressaltamos, no exemplo analisado, o emprego do conector “mas”, operador argumentativo cujo valor semântico intensifica a oposição entre dois grupos opostos: de um lado, coloca o construto de felicidade no qual o autor da carta se insere – de “situação familiar ideal” (com a mãe e os valores familiares); do outro lado, situa-se o frame da droga, responsável pelas ações que o emissor, sob seu jugo praticou. Essa oposição orienta o pensamento do interlocutor para uma direção que coloca as drogas como elemento responsável por destruir esse construto de felicidade apresentado, levando o leitor a enxergá-lo como vítima e, com isso, a perdoá-lo por suas ações do passado.

É, pois, por meios linguísticos, que o autor da carta procede a uma dissociação, a partir da qual ele toma elementos que estão “amalgamados” na sua história de vida e desagrega-os em dois blocos: de um lado, os aspectos negativos associados à droga, e, de outro, os valores familiares, nos quais ele agora se insere. Este estratagema permite-lhe ainda apresentar o frame da droga como algo que lhe é externo e, por esta razão, ele pode distanciar-se dela, pode repudiá-la.

Nesse sentido, em todo o texto, há pistas que delineiam um esquema semântico-cognitivo, no qual o emissor é apresentado como alguém que possui consciência de todos os erros que cometeu, mas, ao dissociar-se das drogas, pode atribuir a elas a responsabilidade desses “deslizes” e sublimar sua pessoa no papel de “vítima”. Essa postura pode ser constatada também por meio dos excertos seguintes (com grifos nossos), em que o autor utiliza o recurso a pressuposições, ou seja, informações implícitas, mas marcadas no texto (cf. KOCH, 2006) e que, por essa razão, precisam ser levadas em consideração por seu peso argumentativo:

(2) A minha vida tomou um rumo no qual **perdi o controle de tudo**, me **tornei** uma pessoa sem sentimentos, mãe na verdade **não era eu** e nem sei como cheguei a esse ponto” e “mãe, **deixei me levar pelas más amizades, pelas drogas e por influencias externas, por prazeres** que até então desconhecia, de uma forma mãe que tomou totalmente conta de mim.

No trecho “perdi o controle de tudo” e “me tornei uma pessoa sem sentimentos”, os verbos usados inserem, no texto, as informações analisadas a seguir. O verbo “perder” cria o pressuposto de que, antes, o falante tinha o controle de tudo, pois só perde o controle quem já o teve. Da mesma forma, o fato de “tornar-se uma pessoa sem sentimentos” traz o pressuposto de que o emissor foi, antes desse marco (o uso da droga), uma pessoa “com sentimentos”. Tais recursos argumentam a favor da ideia de que esse dependente de drogas tinha qualidades, mas que a droga foi mais forte que elas e, por essa razão, ele não pode ser responsabilizado por ter sofrido mudanças alheias à sua vontade.

No excerto negrito “(eu) não era eu”, há um paradoxo pragmático, desde que é o fato de o falante enunciar essa sentença (a enunciação) que contradiz o enunciado. Lembrar que paradoxo – figura de linguagem que explora os conteúdos semânticos contraditórios – é o que dá a força argumentativa ao trecho em análise. Assim, o emissor se dissocia de sua própria pessoa, como se houvesse nele dois “eus”: um primeiro, que ele repudia, por ser associado ao vício, e outro, que ele assume, porque condena a droga e tudo que é a ela associado. É a mesma estratégia do parágrafo anterior: há um “eu” que merece ser salvo.

Nos trechos da sequência: “deixei me levar pelas más amizades, pelas drogas e por influências externas, por prazeres...”, há nova pressuposição desde que quem “se deixou levar” não permitia isso antes e passou a permitir (o que atenua sua responsabilidade). O “deixar-se levar”, no entanto, implica no fato de que ele **não** tomou a iniciativa de praticar tais ações: ele apenas permitiu que outros fatores (más amizades, drogas, influências externas, prazeres) agissem sobre ele, e, dessa forma, ele é apenas uma “vítima” da ação alheia.

A partir de nosso conhecimento enciclopédico sobre a relação entre mãe e filho, podemos concluir que o emissor deixa clara a sua intencionalidade: ele escreve na carta tudo aquilo que a mãe gostaria de ler, ao construir a imagem de um filho arrependido dos seus atos. Ao referir-se às atitudes condenáveis do passado, ele argumenta em sentidos opostos: primeiro, as rejeita e, na sequência, paradoxalmente, as justifica, quando diz que elas não foram em vão, que o ajudaram a tornar-se um indivíduo melhor por meio do sofrimento. Cria, então, um novo paradoxo: “o mal foi um bem”. Assim, no trecho: “se arrependimento matasse eu já não estaria mais lhe escrevendo, mas *tudo*

nesta vida é um aprendizado por mais doloroso que seja o caminho o qual eu trilhei”, os elementos em destaque provam essa estratégia.

Esse sofrimento é ainda mais definido na seguinte passagem:

(3) Sabe mãe, uma experiência de vida dolorosa, onde vi de tudo que a senhora possa imaginar, vi meninas de família se prostituindo, pessoas sendo espancadas por simples centavos, vi pessoas morrerem ao meu lado mãe, de tanto usarem o ‘crack’.

Usando um estilo pessoal e informal, característico da carta pessoal (cf. WATTHIER; COSTA-HÜBES, 2009), percebemos, pois, que o produtor do texto pinta um cenário com consequências diversificadas das drogas, lançando mão de uma estratégia de persuasão cujo intuito parece ser o de minimizar o mal que lhe aconteceu: a consequência para ele foi apenas uma, entre tantas – o que também sugere que se minimize, automaticamente, a dificuldade da família para perdoá-lo. E, progressivamente, o emissor caminha em direção ao arrependimento e à reabilitação: felicidade (vida antes do envolvimento com as drogas) versus sofrimento (período compreendido pelo consumo de entorpecentes, elemento responsável pela ausência de felicidade) e que culmina com a internação involuntária (momento em que é forçado ao amadurecimento como pessoa) e a consequente reabilitação (arrependimento e conscientização das consequências de seus atos).

Observe-se o extrato seguinte:

(4) Mãe, agradeço a Deus por ter me guardado em todos os momentos difíceis que passei em minha vida e por ele não ter permitido que a senhora me abandonasse, agradeço principalmente a atitude que senhora tomou, pois eu estava insano e não conseguia pedir ajuda, mesmo sabendo que estava me matando, agradeço a oportunidade que hoje tenho de me recuperar aqui na Clínica (...), com pessoa que me ajudam nesta nova jornada da minha vida, sabe mãe aqui também tem pessoa que passaram pelo que eu passei e hoje estão bem, conseguiram superar o horror da vida nas drogas e hoje são exemplos para mim.

Ao se declarar consciente dos benefícios consequentes da atitude da mãe, o emissor denota firmeza naquilo que diz e, com isso, cria um contexto que imprime, no receptor, a confiança de que se encontra bem, como podemos observar no desfecho da carta:

(5) Mãe estou cada vez melhor, fique com Deus amo você mais que tudo nessa vida, de seu filho, R.

No intuito de reforçar esse tom de bem-estar e confiança, o filho orienta a mãe a frequentar grupos de apoio para familiares de dependentes químicos, chamando a atenção para o fato de a dependência se tratar de uma doença, não devendo, portanto, aqueles que sofrem desse mal serem discriminados por isso:

(6) Mãe muitas pessoas não entendem esta doença e por isso **nos discriminam**, por muitas vezes **fui tratado como bandido** pela policia sem nunca ter tirado nada de ninguém a não ser da senhora que é a pessoa que mais amo (...) Mãe, estou morrendo de saudades da senhora e de toda nossa família que hoje sei que são as pessoas que **realmente** me amam, bom vou ficando por aqui, **espero que a senhora esteja frequentando os grupos de ajuda, pois a senhora também ficou afetada com a minha doença e o grupo de nar-anon pode ajudá-la** (Grifos nossos).

O operador argumentativo *também* acentua a ideia de a mãe estar doente em consequência do vício do filho e, por isso mesmo, necessita compreender melhor os efeitos da dependência para que, assim, ela não venha, futuramente, julgá-lo e possa ajudá-lo em seu processo de recuperação. O fato de R pedir à mãe para que frequente grupos de NA (Narcóticos Anônimos) nos leva à compreensão de que o dependente deseja criar um contexto que coloca mãe e filho na mesma situação, como vítimas da droga, ampliando a possibilidade de receber o perdão materno, uma vez que a ideia transmitida ao destinatário, no excerto acima, é a de que os dois foram afetados pela droga: a primeira, de forma indireta e o segundo, diretamente por ela.

O indicador atitudinal *realmente* – no sentido que lhe é atribuído por Koch (2000) e Antunes (2005) como um advérbio delineador do domínio discursivo – atua como um importante operador argumentativo, na medida em que possibilita a interpretação de que o produtor do texto reconhece que apenas a mãe e a família o amam de verdade, o que nos leva a compreender que ele considerou, antes da internação involuntária, verdadeiro esse sentimento vindo de outras pessoas, mas se enganou, vendo na base familiar o “real” afeto, pressupondo que o anteriormente recebido não eram reais, isto é, sinceros e verdadeiros.

Esse reconhecimento – aliado aos demais elementos que reforçam a imagem de um filho que reconhece os efeitos positivos obtidos em consequência da atitude da mãe de submetê-lo, involuntariamente, ao tratamento da dependência – funciona como procedimento que acentua a intencionalidade do texto: adquirir o perdão da mãe – que o internou – com a ajuda da Justiça.

Entretanto, Koch e Travaglia (2011) observam que sempre devemos analisar um texto, levando em consideração a situacionalidade, ou seja, o contexto em que se estabelece a comunicação:

Na análise contextual, que ocorre durante a compreensão pragmática, o usuário da língua levaria em conta as seguintes informações sobre o contexto social em questão: seu título específico, o ‘frame’ do contexto relevante no momento, as propriedades / relações das posições sociais, funções e indivíduos que as preenchem, bem como as convenções (regras, leis, princípios, normas, valores) que determinam as ações socialmente possíveis dos membros envolvidos. (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 77)

Nessa perspectiva, a carta analisada nos permite observar que o interno utiliza diferentes recursos linguístico-textuais para ampliar o poder de persuasão de seu texto a fim de atingir propósitos específicos: no caso desta primeira carta, parece claro que o objetivo específico do emissor é obter o perdão e o apoio da mãe, em seu processo de recuperação. Entretanto, levando-se em consideração não apenas as marcas linguísticas que vão ao encontro dessa intencionalidade, mas também a situação de reclusão em que se encontra o produtor do texto, nossa hipótese é a de que, por trás da revelação de um *ethos* de pessoa recuperada ou em recuperação, encontra-se seu real objetivo: persuadir o responsável pela sua internação involuntária de que ele não necessita mais do tratamento, que está apto a ser inserido, o quanto antes, na sociedade. É claro que nossa visão mudaria, se o dependente químico estivesse em tratamento voluntário, caso em que as ideias de arrependimento e de reabilitação poderiam ser por nós mais facilmente aceitas, já que a vontade de melhoria foi manifestada pelo próprio dependente. De qualquer forma, seria necessária a análise de mais cartas escritas por esse produtor, para que nossa interpretação se revelasse mais consistente. Por ora, podemos assegurar que essa hipótese não deve ser descartada, uma vez considerada a análise contextual dos elementos encontrados no texto.

Análise 2

A seguir, a análise de mais uma carta, cedida a nós por uma mãe, cujo filho encontra-se, atualmente, internado também involuntariamente em uma clínica de reabilitação, situada em Patos de Minas/MG: CEDEQ – Centro de tratamento para dependentes químicos. O texto, na íntegra, encontra-se anexo e com a identidade de seu produtor preservada. Para maior clareza, ao nos referirmos a esse emissor, usaremos a letra J e, sempre que possível, estabeleceremos comparações entre a primeira e a segunda carta.

Este segundo texto se inicia semelhantemente àquele primeiro em muitos aspectos, a começar pela seleção lexical que introduz o vocativo: a palavra “querida” e o uso do diminutivo, ambos os recursos denotando gentileza e carinho pelo receptor:

(7) Querida mãezinha, essa é primeira oportunidade que tenho para lhe enviar uma carta, pois me deixaram sair do quarto de reclusão, onde fiquei 32 dias.

Em oposição ao carinho demonstrado, o autor do texto conta à mãe – não de forma direta, não como tópico desse parágrafo, mas de maneira “casual”, como uma informação secundária – sobre um suposto “castigo” a que foi submetido na clínica, quando afirma ter ficado mais de um mês sem se comunicar com ninguém nesse período. O fato é que a palavra “reclusão” nos remete à imagem de prisão e nenhuma mãe aceita bem a ideia de ter um filho vivendo em condições de clausura. Essa informação é dada de forma aparentemente trivial, como se seu objetivo único fosse o de justificar o fato de não ter escrito antes à mãe: culpa a reclusão pela falta de cartas, mas sem reclamar explicitamente dessa medida. Entretanto, acreditamos que seja justamente esse o objetivo do emissor: causar na mãe o sentimento de comoção e piedade, levando-a a acreditar que o tratamento o esteja fazendo sofrer. Ao destacar a importância da reclusão como causadora da impossibilidade de escrever para a mãe, o emissor apresenta-se como uma pessoa abnegada que pensa primeiro na mãe e não em si próprio. Não identificamos essa estratégia argumentativa na primeira carta (R), uma vez que aquele dependente, em nenhum momento, deixa pistas de que algo similar estivesse acontecendo com ele.

Entretanto, J, assim como o autor da primeira carta, autodescreve-se como uma pessoa recuperada – aliás, ele chega a fazer, mais de uma vez, uso desta lexia, quando escreve:

(8) Nesse tempo, eu consegui refletir e percebi o quanto foi importante para mim o que a senhora fez. Obrigado. Agora encontrei a paz que eu necessitava, estou bem, já engordei 6 quilos e percebi que eu é que estava me fazendo mal, estou **recuperado** [...] Sei que são só 32 dias, mas me sinto **totalmente recuperado**, só que aqui não é fácil, estou muito triste por estar longe da senhora, peço que a senhora avalie a possibilidade de me tirar daqui, saiba que estou bem e prometo nunca mais magoar a senhora e o pai (Grifos nossos).

O que observamos, portanto, é uma recorrência de estratégias argumentativas, utilizadas por J, as quais auxiliam na construção de uma imagem positiva de si mesmo (física e psicologicamente), junto à mãe, como o fato de ele ter ganhado peso, reconhecer que a atitude materna em interná-lo foi em prol de seu bem-estar, ao mesmo tempo em que apresenta o construto de um sujeito que valoriza o seio familiar, pois afirma sentir tristeza por estar longe de casa. Há o recurso à pressuposição nos trechos: “consegui refletir” (o que implica que tentou inutilmente refletir antes); “encontrei a paz” (significa que procurava a paz); “estou recuperado” (que implica: ter adquirido de novo um bem perdido: a saúde, no caso).

J, além disso, faz promessas de não adotar as mesmas atitudes erradas do passado, como podemos verificar nas seguintes passagens:

(9) Prometo não mais magoar a senhora e o pai. Vou trabalhar, ganhar dinheiro e ajudar você, mãezinha, eu prometo que nunca mais vou pegar nada do pai.

Neste trecho, J lança mão de mais um argumento relevante na tentativa de persuadir o receptor de sua reabilitação. É possível detectar os dois campos opostos (em luta): o pressuposto de que já magoou os pais e de que “pegou algo” que pertencia ao pai, opondo-se à promessa de não reincidir nesses erros.

Outro ponto comum que pode ser encontrado nas duas cartas analisadas é o fato de os dependentes químicos se mostrarem religiosos, não no sentido de praticar uma religião específica, mas no sentido de crerem em Deus, o que ajuda na construção de um

juízo de valor positivo dos autores desses dois textos, reforçando a carga persuasiva de ambos:

(10) Aqui nois temos um encontro com Deus, a senhora tinha que ver como é bom os momentos do louvor, tem música, momento da oração, faz com que a gente encontre com o Deus, nosso Senhor. Eu sonhei com Deus e ele disse que tem planos para mim, disse que eu serei muito feliz e que logo estarei longe dessa vida e longe dessa clínica.

É interessante notar que a escolha lexical do pronome demonstrativo “essa” indica, muitas vezes, uma rejeição ao objeto indicado e, no trecho acima, o emissor usa esse recurso para indicar “essa vida/essa clínica”, significando que coloca os dois elementos num mesmo plano de valor – ambos negativos. Por mais que o emissor afirme que aceita o fato de estar na clínica, essas pequenas pistas traem sua verdadeira postura.

Por fim, J constrói todo um aparato argumentativo com o objetivo de levar a mãe a perceber que ele está pronto para ser inserido na sociedade novamente, a tal ponto, que ele lhe pede, explicitamente, que o leve embora para casa no dia de sua primeira visita:

(11) Daqui 13 dias poderei ter minha 1ª visita gostaria muito que a senhora viesse e trouxesse o pai, o Matheus e a Alessandra. Quero que a senhora me leve para casa no dia da visita, pois estarei totalmente recuperado.

Assim, temos duas cartas em que os produtores textuais recorrem a estratégias argumentativas a serviço da intencionalidade do texto. Na primeira, o produtor do texto parece apostar na construção da imagem positiva de si mesmo, demonstrando arrependimento, a fim de obter o perdão da mãe – pessoa que detém o poder de mantê-lo ou não em tratamento – fato que nos leva à hipótese de que, além do desejo do perdão materno, o emissor almeja também convencer o interlocutor de que está reabilitado, aumentando a possibilidade de a mãe convencer-se da desnecessidade de mantê-lo em reabilitação; enquanto, na segunda, o produtor recorre à situacionalidade (seu sofrimento na clínica), para atingir seu objetivo: livrar-se do tratamento. O que aproxima os dois textos é o recurso a frames de oposição, em que os dados positivos sempre se chocam com os negativos, superando esses últimos.

Considerações finais

A dependência química no Brasil é, atualmente, considerada uma epidemia nacional e, cada vez mais, estão surgindo novas formas de tratamento, entre elas, a internação involuntária, em que o dependente é inserido em uma clínica de reabilitação contra a sua vontade, ambiente no qual, normalmente, se proíbe ao interno o uso de celular, acesso a computador e demais aparelhos eletrônicos. E, na ausência desses aparatos tecnológicos, o paciente reconhece na carta pessoal uma forma eficaz de interação social.

Longe de estar em extinção, esse gênero – produzido nessas condições específicas – atua como uma oportunidade relevante de o emissor materializar, linguisticamente, sua intencionalidade, recorrendo a procedimentos argumentativos diversos, a fim de acentuar a carga persuasiva do texto.

As duas análises textuais realizadas nos mostraram, por fim, que a carta pessoal ou familiar do dependente químico é marcada por indícios discursivos que revelam, por meio de frames de oposição, a construção de um *ethos*⁶ recuperado ou em recuperação, podendo essa estratégia agir como passo inicial para convencer o interlocutor da desnecessidade de sua permanência na clínica.

Por último, é importante ressaltar que o estudo da carta pessoal do dependente químico em internação involuntária – tema ainda pouco pesquisado nas instituições acadêmicas – possui relevância social significativa, uma vez que revela que o emissor deixa, em sua escritura, pistas de sua verdadeira intencionalidade, podendo auxiliar pais, familiares e profissionais da saúde – especialmente aqueles que estão em contato direto com os dependentes submetidos a esse tipo de tratamento – a interpretar, conscientemente, as estratégias argumentativas utilizadas pelo paciente em reabilitação. Reflexões como esta, contribuem, portanto, não só para reafirmar a inexistência de um discurso neutro (cf. KOCH, 2005), mas, acima de tudo, para evitar que destinatários “caiam” nas artimanhas linguístico-semânticas presentes na carta familiar do dependente químico.

⁶ De acordo com Maingueneau (2008, p. 17), “*ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro”, “é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa”.

Referências

- ANTUNES, M. I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAZERMAN, C.; DIONISIO, A.; HOFFNAGEL, J. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. U. *Introduction to Textlinguistics*. Londres/New York: Longman, 1981.
- BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- COSTA VAL, M. da G. Texto, textualidade e textualização. In: *Pedagogia cidadã. Cadernos de Formação – Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, v. 1, 2004, p. 113-124.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2000.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez, 2006.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In KOCH, I. G. V., MORATO, E.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.
- PAULIUKONIS, M. A. L. P. *A seleção lexical e a estruturação do texto*. 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/08.htm>. Acesso em: 25/8/2014.
- SILVA, J. Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese de doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2002. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicações/PUA_ARQ_ARQUI20121016135107.pdf?PHPSESSID=030dbe596500277d3f0815b69258ab8c. Acesso em: 15/08/2014.
- TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA*, v.6, número 1. São Paulo: ABRALIN/PUC – SP, 1990, p. 55-82.
- WATTHIER, L.; COSTA-HÜBES, T. da C. Cartas familiares e pessoais: da teoria sobre gêneros do discurso a uma prática de análise descritiva. In *Simpósio Internacional*

de estudos de gêneros textuais: o ensino em foco, 2009. Disponível em:http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/cartas_familiares_e_pessoais_da_teoriasobre_generos_do_discurso_a_uma_pratica_de.pdf. Acesso em: 22/8/2014.

ABSTRACT

This study aims to conduct an analysis of the construction process of intentionality in two personal letters, produced by chemical substance addicts involuntarily admitted in a rehabilitation clinic. It analyzes the argumentative marks used in the letters in order to answer the hypothesis that as argumentative resources are intensified, the producer intends to strengthen his/her intentionality. Moreover, we also believe that, disguised either by the intention of showing the intolerable suffering to which the producer is submitted throughout the process or by the discursive construction of data that refer to the acceptance of treatment by the intern, which culminates in the construction of a positive image of him/herself, the discourse accentuates the intention of being released. In order to conduct this analysis, we are grounded on Textual Linguistics, highlighting, among other theoretical aspects, besides the concept of "genre" – and, more specifically, the concept of the genre "personal letter" –, textualization and argumentative resources criteria as instruments of analysis of the texts, i.e.: argumentative procedures in service of intentionality.

KEYWORDS: *Chemical dependency Argumentative resources. Genre: personal letter*

Envio: novembro/2014

Aceito para publicação: abril/2015

ANEXO

12th Carta

Petropolis do Minas, 03 de abril 2014.

Querida mãezinha, esse é a primeira oportunidade que tenho para lhe enviar uma carta, pois me deixaram sair do quarto de reclusão, onde fiquei 32 dias.

Nesse tempo eu consegui refletir e percebi o quanto foi importante para mim o que a senhora fez, obrigado.

Agora encontrei a paz que eu necessitava, estou bem, já engordei 6 quilos e percebi que eu é que estava me fazendo mal, estou recuperado.

Estou com tantas saudades de senhora, do pai, do metas e da Alissandra, quero que a senhora vá até a casa dele e diga que eu quero, que é para ele esperar eu sair daqui, que vou casar com ele e dar orgulho.

Sai que são só 32 dias, mas uma sinto totalmente recuperado, só que aqui não é fácil, estou muito triste por estar longe de senhora, pelo que a senhora avalia a possibilidade de me tirar daqui, sabe que estou bem e prometo nunca mais magoar a senhora e o pai.

Vou trabalhar, ganhar dinheiro e ajudar você mãezinha, ~~para suas necessidades por um período~~ eu prometo que nunca mais vou pegar nada do pai, ele vai querer que eu volte a trabalhar com ele.

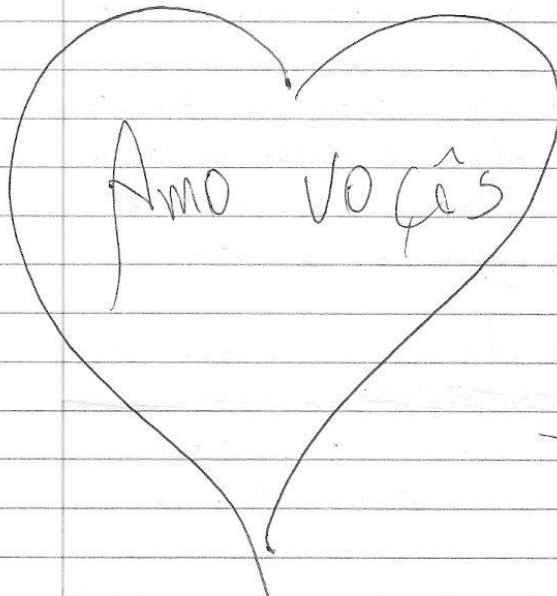
Aqui nós temos um encontro com Deus, a senhora finhe que ver como é bom os momentos de louvar com música, momento da oração, faz com que a gente

encontrei com o Deus, nosso Salvador. Eu sonhei
com Deus e ele disse que tem planos para mim,
disse que eu serei muito feliz e que logo estarei
longe desse vício e longe desse clínica.

Daqui 13 dias poderei ter minha 1ª visita
gostaria muito que a Senhora viesse e trouxesse o
pai, o meus e a Alessandra. Quero que a Senhora ve
me leve para casa no dia da visita, pois estarei
totalmente recuperado

Vou ficando por aqui, quero pedir para a Senhora
mandar mais cigarras e também Prestobarba, pasta de dente,
bêbidas e uma coberte, pois aqui está muito frio.

Fico com Deus



~~J~~